



Universiteit  
Leiden

The Netherlands

**(Sem) Notícias do Front Ocidental: O Brasil  
Neerlandês, O Mundo Atlântico e Os Jornais  
Impressos dos Países Baixos**

Groesen, M. van

**Citation**

Groesen, M. van. (2016). (Sem) Notícias do Front Ocidental: O Brasil Neerlandês, O Mundo Atlântico e Os Jornais Impressos dos Países Baixos. *Miolo Revista Do Instituto Arqueológico, Histórico E Geográfico Pernambuco*, 2015(68), 13-48. Retrieved from <https://hdl.handle.net/1887/40897>

Version: Not Applicable (or Unknown)

License: [Leiden University Non-exclusive license](#)

Downloaded from: <https://hdl.handle.net/1887/40897>

**Note:** To cite this publication please use the final published version (if applicable).

Revista do  
Instituto  
Arqueológico,  
Histórico e  
Geográfico  
Pernambucano

**REVISTA DO INSTITUTO ARQUEOLÓGICO, HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PERNAMBUCANO - IAHP**

NÚMERO 68. RECIFE, 2015. ISSN 0103-1945.

CAPA: CÔNEGO LINO DO MONTE CARMELO LUNA (1821-1874). OLÉO SOBRE TELA,  
DOAÇÃO DE JOSÉ ANTÔNIO DO MONTE. FOTO GEORGE FÉLIX CABRAL DE SOUZA

**EDITORES**

BRUNO ROMERO FERREIRA MIRANDA (UFRPE/IAHP)

DIRCEU SALVIANO MARQUES MARROQUIM (IAHP)

**ASSISTENTE DE EDIÇÃO**

LARISSA RODRIGUES DE MENEZES (DPPC/UFPE)

**CONSELHO EDITORIAL**

ANTÔNIO JORGE DE SIQUEIRA (UFPE/IAHP)

BRUNO AUGUSTO DORNELAS CÂMARA (UPE/IAHP)

ERNST VAN DEN BOOGAART (IAHP – PAÍSES BAIXOS)

JOSÉ LUIZ MOTA MENEZES (UFPE/IAHP)

MARCUS JOAQUIM MACIEL DE CARVALHO (UFPE/IAHP)

ONÉSIMO JERÔNIMO SANTOS (IAHP)

YONY DE SÁ BARRETO SAMPAIO (UFPE/IAHP)

**CONSELHO CONSULTIVO**

ACÁCIO CATARINO (UFPB)

ANA LÚCIA DO NASCIMENTO OLIVEIRA (UFRPE)

ANTÔNIO PAULO REZENDE (UFPE)

CARLA MARY DA SILVA OLIVEIRA (UFPB)

DANIEL DE SOUZA LEÃO VIEIRA (UFPE)

GISELDA BRITO SILVA (UFRPE)

JOSÉ MANUEL SANTOS PÉREZ (UNIVERSIDADE DE SALAMANCA – ESPANHA)

MARIA ÂNGELA DE FARIA GRILLO (UFRPE)

MARIANA DE CAMPOS FRANÇOZO (UNIVERSIDADE DE LEIDEN – PAÍSES BAIXOS)

RÔMULO LUIZ XAVIER DO NASCIMENTO (UFPE/IAHP)

SCOTT JOSEPH ALLEN (UFPE)

SEVERINO VICENTE DA SILVA (UFPE)

SUELY CREUSA CORDEIRO DE ALMEIDA (UFRPE)

WELLINGTON BARBOSA DA SILVA (UFRPE)



**Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano – IAHP**  
**Fundado em 1862**

✉ RUA DO HOSPÍCIO, 130, BOA VISTA, RECIFE-PE, BRASIL. CEP 50.080-060



55 81 3222-4952

@ iahgp.info@gmail.com

## **DIRETORIA DO INSTITUTO ARQUEOLÓGICO, HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PERNAMBUCANO – IAHGP PARA O TRIÊNIO 2014-2017**

<b>PRESIDENTE:</b>	JOSÉ LUIZ MOTA MENEZES
<b>1º VICE-PRESIDENTE:</b>	ISNARD PENHA BRASIL JÚNIOR
<b>2º VICE-PRESIDENTE:</b>	RAMIRES COTIAS TEIXEIRA
<b>3º VICE-PRESIDENTE:</b>	GILDA MARIA WHITAKER VERRI
<b>1º SECRETÁRIO:</b>	REINALDO JOSÉ CARNEIRO LEÃO
<b>2º SECRETÁRIO:</b>	RAFAEL HENRIQUE PIMENTEL DE PAULA
<b>1º TESOUREIRO:</b>	SILVIO TAVARES DE AMORIM
<b>2º TESOUREIRO:</b>	FRANCISCO BONATO PEREIRA DA SILVA
<b>DIRETORIA DE PATRIMÔNIO:</b>	REINALDO JOSÉ CARNEIRO LEÃO

### **COMISSÃO DE ADMISSÃO DE ASSOCIADOS:**

ANTÔNIO CORRÊA DE OLIVEIRA (*in memoriam*)  
MARIA CRISTINA CAVALCANTI ALBUQUERQUE  
RAMIRES COTIAS TEIXEIRA

### **COMISSÃO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA:**

CARLOS BEZERRA CAVALCANTI  
GILVAN DE ALMEIDA MACIEL (*in memoriam*)  
MARIA JOSÉ BORGES LINS E SILVA

### **COMISSÃO DE ARQUEOLOGIA E ETNOGRAFIA:**

FERNANDO GUERRA DE SOUZA  
MARCUS JOAQUIM MACIEL DE CARVALHO  
ROBERTO MAURO CORTEZ MOTTA

### **COMISSÃO DE GENEALOGIA E HERÁLDICA:**

REINALDO JOSÉ CARNEIRO LEÃO  
TÁCITO LUIZ CORDEIRO GALVÃO  
YONY DE SÁ BARRETO SAMPAIO

### **COMISSÃO DE DIVULGAÇÃO E INFORMÁTICA:**

BRUNO AUGUSTO DORNELAS CÂMARA  
BRUNO ROMERO FERREIRA MIRANDA  
JACQUES ALBERTO RIBEMBOIM

**CONSELHO FISCAL:**

PAULO FREDERICO LOBO MARANHÃO

ROQUE DE BRITO ALVES

TÁCITO AUGUSTO DE MEDEIROS

**SUPLENTES:**

GERALDO JOSÉ MARQUES PEREIRA (*in memoriam*)

LUIZ JORGE LIRA NETO

YONY DE SÁ BARRETO SAMPAIO

Revista do  
Instituto  
Arqueológico,  
Histórico e  
Geográfico  
Pernambucano

Número 68  
Recife, 2015



# SUMÁRIO

NOTA DOS EDITORES.....09

## ARTIGOS

(SEM) NOTÍCIAS DO FRONT OCIDENTAL: O BRASIL NEERLANDÊS,  
O MUNDO ATLÂNTICO E OS JORNAIS IMPRESSOS DOS PAÍSES BAIXOS  
*MICHEL VAN GROESEN* ..... 13

FORMAÇÃO TERRITORIAL DO NORDESTE – MUITOS MITOS E POUCOS ESTUDOS  
*YONY DE SÁ BARRETO SAMPAIO*..... 49

O ESCRAVISMO E O SERTÃO DE PERNAMBUCO  
*CAETANO DE CARLI* .....77

A DESORDEM COMO MISSÃO: URBANIDADE E PODER NO BRASIL  
ENTRE OS SÉCULOS XVI E XVIII  
*PAULO SOUTO MAIOR* .....123

DA ESTATÍSTICA AO TEXTO: ENTRE O TURISMO  
E A LITERATURA DE VIAGEM (RECIFE, 1939-1944)  
*DIRCEU SALVIANO MARQUES MARROQUIM*..... 159

NORDESTE E ILHAS DO CARIBE: UMA LIGAÇÃO POSSÍVEL DURANTE  
A PRESENÇA HOLANDESA NO BRASIL EM OBSERVAÇÕES PONTUAIS  
*RÔMULO LUIZ XAVIER DO NASCIMENTO*.....183

A ZONA DA MATA SUL DE PERNAMBUCO E O MUNDO DO TRABALHO  
NOS ENGENHOS NOS ANOS FINAIS DA ESCRAVIDÃO E NA ABOLIÇÃO  
*MARIA EMÍLIA VASCONCELOS DOS SANTOS* .....207

ARQUEOLOGIA DE UMA FORTIFICAÇÃO: O FORTE ORANGE E A FORTALEZA DE SANTA CRUZ, EM ITAMARACÁ, PERNAMBUCO <i>STELA GLÁUCIA ALVES BARTHEL</i> .....	241
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

## DOCUMENTOS PARA A HISTÓRIA DO BRASIL

O INVENTÁRIO <i>POST-MORTEM</i> DE GASPAR CARNEIRO, SENHOR DO ENGENHO TIBIRI DE BAIXO (1624) <i>FÁBIO ARRUDA DE LIMA</i> <i>REINALDO CARNEIRO LEÃO</i> .....	263
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

## PALAVRA DO SÓCIO

ALGUMAS LITERALIDADES ARTÍSTICAS NA FORMAÇÃO DA CIDADE BARROCA <i>FERNANDO GUERRA DE SOUZA</i> .....	307
---------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

## ENSAIO

O RECIFE - DIRETRIZES PARA UMA ORGANIZAÇÃO URBANA DA CIDADE <i>JOSÉ LUIZ MOTA MENEZES</i> .....	319
----------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

## RESENHA

A RECIFE DE JOSUÉ: RESENHA DO LIVRO “A CIDADE DO RECIFE: ENSAIO DE GEOGRAFIA URBANA” <i>MARIANA ZERBONE ALVES DE ALBUQUERQUE</i> .....	351
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

POLÍTICA EDITORIAL E NORMAS GERAIS PARA A APRESENTAÇÃO DE TEXTOS .....	357
------------------------------------------------------------------------	-----

# NOTA DOS EDITORES

Um dos principais compromissos do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano – IAHGP, desde as suas origens, é levar a cabo esforços para a divulgação das pesquisas sobre a história e a cultura de Pernambuco. Esse objetivo continua guiando todas as ações realizadas por este mais que sesquicentenário sodalício. A Revista que o leitor tem em mãos nasceu com o Arqueológico no século XIX. Seu primeiro número viu a luz em 1863. Desde então, colaboradores e editores trabalharam para manter vivo o periódico que é um marco incontornável da produção historiográfica brasileira. Períodos de grandes dificuldades resultaram em longas pausas na publicação da Revista, mas, ela jamais deixou de circular, sendo por isso, um dos mais antigos periódicos de história em funcionamento no mundo. É com muita alegria que chegamos ao ano 152 de existência do Arqueológico e que podemos anunciar a publicação de mais um número da Revista.

Este é o sétimo número consecutivo publicado desde a retomada da periodicidade em 2009. Esta conquista não seria possível sem a colaboração dos associados do IAHGP e de pesquisadores de diversas instituições que gentilmente submeteram seus trabalhos aos pareceristas do nosso periódico. Desde já, registramos nossos mais sinceros agradecimentos. A circulação de um periódico não-comercial como é o nosso depende, obviamente, de apoio material. Esta nova fase da Revista do IAHGP jamais ocorreria não fosse o apoio incondicional e constante da Companhia Editora de Pernambuco - CEPE. Devemos um pleito de gratidão aos quadros dirigentes da CEPE que nunca hesitaram em fazer valer o dispositivo constitucional estadual que delega à imprensa oficial de Pernambuco o dever de produzir a Revista do IAHGP. Agradecemos ainda aos quadros técnicos que realizam de forma primorosa a confecção deste periódico.

Este número mais uma vez combina as colaborações de pesquisadores de diversas instituições e com perfis de atuação bastante

variados. O período holandês, tema rotineiro na RIAHGP, se faz presente mais uma vez em dois artigos. O primeiro deles é de autoria do pesquisador e professor da Universidade de Leiden, Países Baixos, Michiel van Groesen. Ele nos oferece um fascinante texto sobre a circulação e a construção de notícias no Mundo Atlântico em duas gazetas dos Países Baixos. Especificamente, o autor vai mostrar as estratégias editoriais adotadas para a disseminação de informes sobre as idas e vindas da guerra entre neerlandeses, portugueses e espanhóis no Brasil e no Caribe. O outro artigo é uma contribuição do professor na Universidade Federal de Pernambuco, Rômulo Luiz Xavier do Nascimento. Em “Nordeste e ilhas do Caribe”, ele nos mostra que a ocupação do Brasil pela Companhia das Índias Ocidentais não foi apenas um capítulo da história local. O autor buscou conectar a história do “Brasil holandês” à história do Atlântico Sul, vinculando o Nordeste do Brasil ao Caribe.

O leitor também vai encontrar conexões entre esses textos e aqueles feitos por José Luiz Mota Menezes e Stela Barthel. Menezes, que nos brinda com um ensaio no qual discute a forma de assentamento urbano das cidades de Olinda e do Recife e estabelece as linhas fundamentais do circular – da gente e dos veículos das duas localidades. Ele propõe ainda as diretrizes necessárias para uma organização urbana da cidade. Por sua vez, Barthel oferece um estudo de caso na área de Arqueologia Histórica sobre o forte Orange, construído pelos neerlandeses na Ilha de Itamaracá em 1631.

Do litoral segue-se para o sertão com os artigos de Yony Sampaio e Caetano De Carli. O primeiro vai fazer uma análise da formação territorial a partir da concessão original de sesmarias para as famílias Vieira de Mello e da Casa da Torre, em Pernambuco, bem como discute a formação territorial da Barbalha, no Ceará. De Carli fará, por sua vez, um debate sobre o escravismo no Sertão de Pernambuco nos oitocentos, tema negligenciado pela historiografia. Ainda sobre o escravismo, temos o texto de Maria Emília Vasconcelos dos Santos, que nos leva para a Zona da Mata Sul Pernambucana, nos estertores do século XIX. A autora busca fazer um panorama social e econômico para expor as mudanças na organização do cotidiano laboral nos engenhos.

Dentro da discussão sobre o mundo colonial, Paulo Souto Maior colabora com uma análise, num cenário de fragmentações espaciais

e ações dos poderes locais, sobre o caráter da ocupação urbana portuguesa. Especificamente, Souto Maior fez o estudo de caso de três cidades: Olinda, Salvador e São Sebastião.

Já Dirceu Salviano Marques Marroquim, se propõe a demonstrar como a estatística foi utilizada, das décadas de 1930 e 1940, como ferramenta argumentativa para a construção de uma ideia de cidade turística. O autor percorreu os escritos lançados pela Diretoria de Estatística Propaganda e Turismo (DEPT), propagandas e outros textos para mostrar a constituição da cidade do Recife como centro turístico. Ainda sobre a cidade do Recife, temos a contribuição de Mariana Zerbone Alves de Albuquerque, com a resenha do clássico, recém editado pela Editora Massangana, de Josué de Castro, “A cidade do Recife: Ensaio de Geografia Urbana”. Por fim, os associados do IAHPG Fernando Guerra, Fábio Arruda de Lima e Reinaldo Carneiro Leão trazem importantes contribuições para este periódico. Guerra faz uma reflexão sobre a cidade barroca e Lima e Carneiro Leão trazem a transcrição e análise do raro inventário *post-mortem* de Gaspar Carneiro, senhor do engenho na Paraíba entre fins do século XVI e início do século XVII.

Desejamos que os textos aqui apresentados possam suscitar novas pesquisas e novas perguntas sobre a história de Pernambuco.

*Recife, dezembro de 2015.*

*Os editores.*



# (SEM) NOTÍCIAS DO FRONT OCIDENTAL: O BRASIL NEERLANDÊS, O MUNDO ATLÂNTICO E OS JORNAIS IMPRESSOS DOS PAÍSES BAIXOS<sup>1</sup>

*Michiel van Groesen*<sup>2</sup>

**Resumo:** As notícias do mundo atlântico constituíam um ingrediente chave da imprensa escrita na Europa da idade moderna. Este artigo investiga o ritmo dos relatos sobre o Atlântico em duas gazetas dos Países Baixos, um produzido em Amsterdã, outro na Antuérpia. Estuda a produção periódica, disseminação e recepção de notícias vindas do “Front Ocidental” no ano de 1630, quando tanto a Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais, como a monarquia dos Habsburgo experimentaram uma combinação de vitórias e desapontamentos. Parcialidades e concepções distintas de credibilidade determinaram como os eventos foram cobertos em lados opostos da fronteira. Através da análise cuidadosa dos dois jornais e da avaliação de seus boletins por um bem informado leitor, este artigo defende que uma cultura de expectativa moldou a circulação de notícias vindas do Brasil e do Caribe. Isso explica porque a imprensa dos Países Baixos produzia

---

<sup>1</sup> Nota do tradutor: Uma versão deste artigo foi publicada no *Sixteenth Century Journal* (XLIV/3, 2013, pp. 739-760), com o título: (No) News from the Western Front: The Weekly Press of the Low Countries and the Making of Atlantic News [(Sem) Notícias do front ocidental: A imprensa Semanal dos Países Baixos e a construção de notícias do Atlântico]. A pedido do autor e por causa de reformulações, o título foi refeito. Traduzido por Ana Margarida Santos Pereira e Bruno Romero Ferreira Miranda para a *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*. Artigo recebido e aprovado para publicação em julho de 2014.

<sup>2</sup> PhD em História pela Universidade de Amsterdã (2007) e Professor de História Marítima da Faculdade de Humanidades da Universidade de Leiden, Países Baixos. Organizador do livro *The Legacy of Dutch Brazil* (2014) e autor do livro *The Representations of the Overseas World in the De Bry Collection of Voyages, 1590-1634* (2008).

boletins regulares, mesmo quando não existiam notícias, e que poucas histórias fossem objeto de cobertura tão extensiva como aquelas sobre o Mundo Atlântico.

**Palavras-Chave:** Mundo Atlântico. Brazil-Neerlandês. Jornais.

*(No) News from the Western Front: The Weekly Press of the Low Countries and the Making of Atlantic News*

**Abstract:** News from the Atlantic world was a key ingredient in early printed European newspapers. This article investigates the rhythm of Atlantic reporting in two weekly corantos from the Low Countries, one produced in Amsterdam, the other in Antwerp. It studies the serial production, dissemination, and reception of news from the “Western front” in the year 1630, when both the Dutch West India Company and the Habsburg monarchy experienced a blend of victories and disappointments. Partiality and different conceptions of credibility determined how events were covered on opposite sides of the border. Through careful analysis of two newspapers, and the assessment of their Atlantic bulletins by a well-informed reader, this article will argue that a culture of anticipation shaped the circulation of news from Brazil and the Caribbean. This explains why the press in the Netherlands produced regular bulletins even when there was no news, and why few stories were covered so extensively as those from the Atlantic world.

**Keywords:** Atlantic World. Dutch-Brazil. Newspapers.

## INTRODUÇÃO

Em 5 de janeiro de 1630, um sábado, o editor amsterdamês Jan van Hilten lançou o primeiro número de seu jornal do ano. O *Courante uyt Italien ende Duytschlandt* (“Gazeta da Itália e Alemanha”), uma simples folha de papel com ambas as páginas densamente preenchidas, era publicado a cada sábado. Costumeiramente, o folhetim divulgava rumores e notícias de todos os campos de batalha na Europa e no mundo atlântico, onde a Companhia das Índias Ocidentais tinha aberto um segundo *front* na guerra contra a Espanha dos Habsburgo. *Courante*

número 1, o primeiro número do novo ano, continha três breves notícias sobre o espaço atlântico. Primeiramente, Van Hilten relatava como duas esquadras neerlandesas haviam disparado contra a fortificação espanhola de Havana. Em seguida, narrava que Don Fadrique de Toledo, capitão-general da frota real das Índias, havia enviado 12 vasos de guerra para as Ilhas Virgens, de maneira a limpar a área da presença neerlandesa. No número seguinte, prometia Van Hilten aos seus leitores, seriam dados mais detalhes a respeito do episódio. O terceiro informe era a respeito de um barco da Companhia das Índias Ocidentais que tinha ancorado na Inglaterra com um enorme butim obtido no Brasil, incluindo-se entre o espólio 400 caixas de açúcar. Na viagem de retorno, a embarcação encontrou-se com a frota neerlandesa que foi às Ilhas Canárias. Apesar de ter se dispersado por conta de uma tempestade, a frota iria se reagrupar próximo a Cabo Verde e, como planejado, continuar sua missão.<sup>3</sup>

Nenhuma destas estórias poderia ser classificada como “notícia de última hora”, mas Van Hilten deve ter ficado satisfeito por dispor de informações sobre o espaço atlântico para poder publicar. Durante o Século de Ouro, o mercado de notícias nas Províncias Unidas era extremamente competitivo: jornais semanais surgiram em várias cidades e Amsterdã possuía dois periódicos havia mais de dez anos. A outra gazeta local local, *Tijdingen uyt verscheyden Quartieren* (“Notícias de diversos lugares”), publicada pelo maior rival de Van Hilten, Broer Jansz, não apresentava qualquer informação sobre a área do Atlântico na primeira semana de 1630, o que tornava as notícias de Van Hilten infinitamente mais valiosas.<sup>4</sup> Mas vencer a concorrência era apenas parte do desafio semanal de Van Hilten. Seus leitores eram bem informados a respeito de questões marítimas e não seriam facilmente enganados com notícias deturpadas. Os marujos espalhavam todo o tipo de rumores

<sup>3</sup> Jan van Hilten, *Courante uyt Italien ende Duytschlandt &c.*, no. 1 (Amsterdã, 5 de janeiro de 1630).

<sup>4</sup> Broer Jansz, *Tijdingen uyt verscheyden Quartieren*, no. 1 (Amsterdã, 5 de janeiro de 1630).

na área portuária da cidade e a elite governante era incapaz de impedir o vazamento de informações sensíveis. Nessa atmosfera de grande abertura, estórias de jornais podiam ser contraditas e postas em dúvida poucas horas após serem publicadas. Informações contraditórias podiam chegar até mesmo do exterior, a exemplo dos Países Baixos do Sul, onde outro jornal, o *Wekelijcke Tijdinghe* (“Notícias Semanais”), foi lançado na Antuérpia pelo editor Abraham Verhoeven. Esta gazeta, de meia folha de papel dobrada de maneira a compor um panfleto de quatro páginas, noticiava os mesmos eventos a partir da perspectiva espanhola. Previsivelmente, as notícias veiculadas em lados opostos da fronteira cobriam a guerra no Atlântico de maneira muito diversa.

Nos outros 51 panfletos que seriam publicados naquele ano, Jan van Hilten monitorou atentamente a evolução dos acontecimentos no mundo atlântico. Quase toda a semana, ele fornecia informação fresca, um feito extraordinário considerando-se a chegada irregular de notícias do *front* ocidental. Graças a uma incomum boa sorte, todos os 52 números do ano de 1630 sobreviveram ao tempo e estão preservados juntos na Biblioteca Real, na Haia.<sup>5</sup> Ainda mais surpreendentemente, a Biblioteca Real de Bruxelas possui uma série completa do ano de 1630 do jornal produzido por Abraham Verhoeven, “Notícias Semanais”.<sup>6</sup> Verhoeven costumava imprimir um número novo tão logo tivesse material suficiente para preencher quatro páginas, mas em 1629 adotou também um ritmo semanal. Como ele imprimia

<sup>5</sup> Koninklijk Bibliotheek, Den Haag, 341 A1. O anônimo proprietário escreveu na página inicial a seguinte informação: “Nieuws Tijdingen gedrukt te Amsterdam voor Jan van Hilten in de Beursstraat en bij Jan Frederik Stam in de Drukkerij van Vezelaer aan of bij de Zuijderkerk in de Hoope Van Jan 1630-28 Dec 1630”. (N. T.: Novas Notícias impressas em Amsterdã por Jan van Hilten na Rua da Bolsa e por Jan Frederik Stam na editora Vezelaer próxima à Igreja do Sul, na Esperança. De 5 de janeiro de 1630 a 28 de dezembro de 1630).

<sup>6</sup> Apenas cinco números de 1630 remanesceram. Quatro deles estão na Biblioteca Real da Haia, C 1103 (no. 1, 5 de janeiro; no. 21, 25 de maio; no. 24, 14 de junho; no. 34, 24 de agosto), e um na Biblioteca Universitária de Ghent (no. 14, 6 de abril). Agradeço a Rik Declercq (Ghent) por me enviar uma cópia escaneada desse número. Cinco de 52 representa uma taxa típica para os jornais remanescentes do início do século XVII.

vários números no mesmo dia, há nada menos que 122 impressos do jornal da Antuérpia para o ano de 1630. Novas gazetas surgiram em 54 dias diferentes do ano, usualmente na sexta-feira, e o “Notícias Semanais” teve, portanto, uma periodicidade comparável aos jornais de Amsterdã.<sup>7</sup>

Baseado nestas duas coleções de gazetas, complementadas por alguns dos poucos números remanescentes do “Notícias de diversos lugares”, de Broer Jansz, este artigo irá tratar da produção em série, disseminação e recepção de notícias do Atlântico nos Países Baixos no crucial ano de 1630, quando as Províncias Unidas e a Coroa espanhola experimentavam uma mistura de vitórias e desapontamentos.<sup>8</sup> A Companhia das Índias Ocidentais conquistou Olinda e Recife no Nordeste do Brasil; Madri celebrou a chegada segura, pela primeira vez em quase três anos, de um carregamento completo de prata proveniente da América, um grande alívio depois da captura da frota da prata da Nova Espanha feita por Piet Heyn na Baía de Matanzas. Constituindo um estudo de caso de como as notícias boas e ruins do *front* ocidental circulavam nos Países Baixos, este artigo compara duas maneiras contrastantes de cobrir os mesmos eventos ocorridos no mundo atlântico. Traça duas estratégias diferentes para obter e apresentar informação, discute duas maneiras distintas de encarar a credibilidade e a parcialidade, e levanta a questão de como cada jornal articulava a irregularidade do fluxo informativo com o prazo de impressão semanal, além de questionar que tipo de retórica cada impressor usava para alcançar seus respectivos leitores, quais assuntos eles enfatizavam ou censuravam e como leitores bem informados podiam avaliar seus boletins semanais. Finalmente, num sentido mais amplo, perguntarei o que tudo isso nos conta a respeito dos

<sup>7</sup> Bibliothèque Royale de Belgique, Brussels, III 33.519 A. Esta é uma coleção contemporânea de “Notícias Semanais” que contém todos os 122 números de 1630. Foi provavelmente reunida por jesuítas da Antuérpia, o que pode se inferir com base nas marcas de proveniência na página de abertura do volume. Para datas precisas da publicação de 1630, cf.: BRABANT (2009: 407-14).

<sup>8</sup> GOSLINGA (1971: 218), diz que 1630 foi “um ano excepcional na história do Caribe”, uma assertiva ecoada por Carla Rahn Phillips (1986: 188).

mecanismos de notícias seriais provenientes do mundo atlântico no início da modernidade.

A historiografia sobre a circulação de notícias e a opinião pública no Antigo Regime cresceu muito nas últimas duas décadas e deverá ser o tema de muito mais pesquisas a realizar num futuro próximo. Os jornais, o funcionamento de suas comunicações regulares e o interesse do público em notícias seriais receberam atenção considerável, particularmente a respeito da Inglaterra do século XVII no trabalho de Joad Raymond (2005; 2006).<sup>9</sup> Raymond e outros demonstraram o vício em notícias dos leitores do início da idade moderna e revelaram o quão rápido os periódicos evoluíram, tornando-se nos meios de comunicação de mais larga circulação e mais amplamente lidos na primeira metade do século XVII. Todavia, estes estudos tiveram por foco uma única cultura de noticiar, claramente delimitada por fronteiras linguísticas e políticas. Comparações com periódicos estrangeiros foram inseridas sobretudo para enfatizar a prática diária dos jornalistas de traduzir e copiar boletins estrangeiros, mas, de maneira geral, não se investigou a produção, disseminação e recepção das notícias em perspectiva comparada.

Uma excelente coleção recente de ensaios a respeito da disseminação de notícias no início da idade moderna na Europa teve seu olhar direcionado para este aspecto: Bredan Dooley reuniu um time de especialistas de várias culturas jornalísticas para adicionar uma dimensão internacional ao estudo sobre circulação de informação política. Os autores direcionaram-se ao conceito de contemporaneidade, um termo referente à percepção, compartilhada por um número de seres humanos, de viver eventos políticos mais ou menos ao mesmo tempo. Argumenta-se no livro que os novos métodos de comunicação dos séculos XVI e XVII, incluindo jornais impressos de forma regular, ajudaram a forjar um senso de contemporaneidade. Juntos, os ensaios que o compõem oferecem uma visão geral a respeito de como as notícias eram transmitidas de fonte a fonte e de país a país. Em sua introdução, Dooley explica que para desvendar

---

<sup>9</sup> Cf. também: BROWNLEES (1999); FOX (1997: 597-620); SOMMERVILLE (1996).

os caminhos pelos quais as estórias percorriam a Europa do início da idade moderna, se faz necessária uma abordagem de pesquisa centrada na comparação entre diferentes boletins de notícias. Ele aponta também a transmissão e a recepção de notícias através das fronteiras como um caminho óbvio para a pesquisa (DOOLEY, 2010: 2).

Este artigo se propõe dar outro passo na mesma direção ao comparar duas maneiras de apresentar, difundir e consumir notícias do mundo atlântico, um assunto até agora pouco estudado, a despeito de sua ampla cobertura nos jornais europeus do século XVII. Uma notável exceção é o artigo de Nicole Greenspan a respeito da importância das notícias no avanço da expansão inglesa no Caribe durante o governo de Oliver Cromwell. Greenspan conclui que as notícias, ou a ausência delas, desempenharam um papel tão relevante no desenrolar do “projeto ocidental” como os comandantes, soldados, marinheiros e oficiais governamentais envolvidos em seu planejamento, direção e execução. Ela demonstra como informações incompletas e pouco confiáveis sobre o mundo atlântico promoviam uma atmosfera de instabilidade política, econômica e diplomática. Greenspan também mostra, o que é talvez mais pertinente no contexto do presente artigo, como os meios de comunicação da Inglaterra estavam longe de guardar o silêncio e que rumores e especulações corriam soltos meses antes da chegada de informações comprovadas (GREENSPAN, 2010: 1-26).<sup>10</sup>

Qualquer notícia, como David Randall nos lembrou recentemente, deve levar em conta sua natureza essencialmente incerta, mas em nenhum outro contexto geográfico essa incerteza foi mais evidente do que no mundo atlântico (RANDALL, 2010: 5). Fernand Braudel afirmou que a distância foi o inimigo principal da sociedade europeia do início da idade moderna: resultava em todo tipo de atraso e seria apenas no fim do século XVIII que a situação melhoraria significativamente (BRAUDEL,

---

<sup>10</sup> Para o século XVI e o papel dos informes escritos à mão na disseminação de notícias sobre o mundo atlântico, cf. também: PIEPER (2000).

1972: 358-69).<sup>11</sup> A distância geográfica entre o Novo e o Velho Mundo e, conseqüentemente, o espaço de semanas ou mesmo meses entre a ocorrência dos eventos e o momento em que eles eram noticiados com fiabilidade na Europa ampliavam a incerteza. O lapso de tempo entre os eventos e seu informe e a tensão entre o acesso irregular e infrequente à informação e a rigidez do prazo de publicação semanal num período no qual as notícias marítimas tinham elevada demanda resultaram numa forma excepcional de comunicação. Não era incomum que uma frota partisse da Europa para o Caribe e não retornasse antes de 18 meses, forçando os ávidos leitores a longos períodos de espera, marcados por uma expectativa e ansiedade crescentes, ao mesmo tempo que os jornalistas se viam em grandes dificuldades para acompanhar à distância desenvolvimentos que poderiam alterar o equilíbrio de poderes na própria Europa. No entanto, a despeito dos obstáculos criados ou potencializados pela distância geográfica, os leitores disseminados pelos Países Baixos permaneceram ávidos consumidores das novas do *front* ocidental.

## **MONTANDO O CENÁRIO: DUAS PERSPECTIVAS CONTRASTANTES**

Para investigar a divulgação de ocorrências do mundo atlântico nos Países Baixos ao longo do ano de 1630, será útil tratar brevemente do cenário político no hemisfério ocidental. A conquista de Salvador em 1624, a capital do Brasil português, abalou o monopólio territorial dos Habsburgo na América do Sul. A rápida campanha luso-espanhola de reconquista da Bahia forçou os neerlandeses a regressar à pirataria e à guerra de corso, mas o sucesso de Piet Heyn na Baía de Matanzas possibilitou que a Companhia das Índias Ocidentais levasse adiante seu plano

---

<sup>11</sup> Especificamente no trecho “Distance, the First Enemy,” no qual ele dedica subparágrafos tanto à dimensão do mar, como à velocidade das comunicações. Para o efeito que a distância podia ter na natureza das notícias, ver o importante artigo de Will Slauter (2009: 759-92).

original de estabelecer uma cabeça de ponte na América dos Habsburgo. No verão de 1629, o almirante Hendrick Lonck embarcou para Cabo Verde, onde a ele se reuniu, em dezembro, com o coronel Diederick van Waerdenburgh. Embora o destino da frota fosse oficialmente mantido em segredo, era do conhecimento público ser a costa brasileira vulnerável a ataques. Os galeões espanhóis na área estavam ocupados com outra expedição neerlandesa sob o comando do almirante Adriaen Pater, que invernou no Caribe em um esforço para capturar a frota da prata seguinte. Após saquear e pilhar ilhas precariamente defendidas, Pater preparava-se para infligir mais danos nos meses que se aproximavam. Foi em uma atmosfera de otimismo desenfreado que os neerlandeses receberam a chegada do novo ano.<sup>12</sup>

Para Felipe IV e o Conde-Duque de Olivares, a perda da frota da Nova Espanha seria um fracasso retumbante com implicações imediatas, uma vez que a satisfação de suas obrigações militares nos Países Baixos, no Norte da Itália, no Caribe e, em geral, no império apenas poderia fazer-se com injeções recorrentes de prata americana. O medo perante a possibilidade de um amplo ataque às colônias causou pânico na Espanha. Felipe IV autorizou sua tia Isabel Clara Eugénia, governadora dos Países Baixos, a negociar uma trégua que criasse restrições à Companhia das Índias Ocidentais, mas após um aceso debate interno, os neerlandeses se negaram a sacrificar seu bom momento. Ao mesmo tempo, problemas financeiros na Espanha atrasaram em muitos meses o envio de uma nova frota para as Índias e quando Don Fadrique de Toledo finalmente zarparou em agosto de 1629, estava claro que não retornaria antes do inverno. O ano de 1630 seria um verdadeiro teste à resiliência geopolítica da Espanha.<sup>13</sup>

<sup>12</sup> Para detalhes sobre as expedições neerlandesas, cf.: GOSLINGA (206-17). Para o frágil sistema defensivo do Brasil, cf.: DUTRA (1973: 117-66). O relato mais detalhado do prólogo da captura de Pernambuco pelos neerlandeses continua a ser: EDMUNDSON (1899: 676-99). Para um texto mais recente, cf.: GROESEN (2011: 167-93).

<sup>13</sup> Para a inquietação marítima espanhola de fins da década de 1620, cf.: PHILLIPS (1986: 7-8, 90-118, 183-84). Para as negociações de trégua nos Países Baixos, que continuaram na década de 1630, cf.: ISRAEL (1982: 223-49).

Atendendo à disparidade dos pontos de partida, a expectativa em relação às notícias provenientes do espaço atlântico nas Províncias Unidas era elevada, sendo que os jornais constituíam a fonte de informações mais comum e regular. Tanto Broer Jansz (1579-1652), como Jan van Hilten (ca. 1602-1655), vinham publicando jornais desde pelo menos 1618. Ambos produziam novos números de suas gazetas a cada sábado com a permissão do conselho da cidade de Amsterdã, um privilégio que protegia os editores de edições piratas e de competidores locais, dando, ainda, às autoridades um certo controle sobre a publicação. Invariavelmente, os jornais abriam com uma seção de boletins estrangeiros, em que a notícia mais antiga aparecia em primeiro lugar e os informes eram precedidos das datas e locais das publicações. Esta seção era seguida por notícias produzidas com base em informações fornecidas à gazeta por suas próprias fontes. No geral, Van Hilten dava mais espaço para estórias exclusivas, enquanto que Jansz privilegiava as notícias relacionadas com a Europa, abrangendo uma área mais ampla.<sup>14</sup> Seus primeiros boletins sobre o Brasil, de 1624, patenteiam algumas das dificuldades inerentes à produção de informação sobre o mundo atlântico, já que as notícias continham, por exemplo, erros geográficos flagrantes. No entanto, os mesmos informes também apontam para a independência dos periódicos em relação às autoridades. Por duas vezes, no espaço de uma semana, Van Hilten publicou notícias sobre a fraqueza das lideranças e o mau comportamento de soldados neerlandeses que a Companhia das Índias Ocidentais teria querido encobrir (GROESEN, 2010: 29-36).

Abraham Verhoeven (1575-1652), na Antuérpia, não desfrutava da mesma liberdade editorial. Ao solicitar uma licença de publicação aos arquiducos em Bruxelas, Verhoeven enfatizou a utilidade propagandística de seu jornal, o *Nieuwe Tijdinghen* (Novas Notícias), que era publicado duas ou três vezes por semana. Quando lemos seus ocasionais boletins atlânticos, fica

---

<sup>14</sup> O ponto de partida para a pesquisa sobre os jornais neerlandeses, em sua fase inicial, é DAHL (1946), com biografias de Van Hilten (33-35) e Jansz (55056). Cf. também: LANKHORST (2001: 151-59); COUVÉE (1962: 22-36).

claro o que ele quis dizer. A conquista neerlandesa da Bahia, segundo Verhoeven, se resumira a pouco mais que o saque de um pequeno número de igrejas e quatro anos depois ele foi igualmente ambíguo a respeito do que ocorrera em Matanzas. Em 1629, o conselho do Brabante ordenou a ele que parasse de produzir “notícias incorretas e sem se deslocar previamente aos lugares, como deveria”. Mais tarde naquele ano, ele relançou sua gazeta sob um título diferente, *Wekelijcke Tijdinghe* (Notícias Semanais). Verhoeven não fazia distinção clara entre as notícias domésticas e do estrangeiro, referindo-se à Antuérpia como um dos muitos lugares onde colhia informações. Assim, era virtualmente impossível para os leitores descobrirem quais notícias tinham sido copiadas e quais eram verdadeiramente novas (ARBLASTER, 2001: 185).<sup>15</sup>

## SEM NOTÍCIAS: CONSTRUINDO ALGO A PARTIR DO NADA

As notícias a respeito do mundo atlântico recebiam mais atenção em Amsterdã do que na Antuérpia. Em 1630, Van Hiltten incluiu atualizações em 49 números semanais, enquanto que Verhoeven só o fez em 19 ocasiões. Mas ambos os jornais dependiam da chegada usualmente imprevisível e, em todo caso, infrequente de navios para a obtenção de notícias relevantes. Ademais, o ritmo das notícias provenientes das Índias Ocidentais era, em grande medida, condicionado pela temporada de furacões, que durava três meses, do início de agosto ao fim de outubro.<sup>16</sup> As grandes expedições só poderiam ter lugar após essa data, mas o início do inverno europeu ditava, por vezes, novos atrasos. Depois que a frota atravessasse o oceano, notícias de suas façanhas levariam em média de sete a nove semanas para chegar aos Países Baixos. Tudo isto signifi-

<sup>15</sup> Para uma extensa bibliografia a respeito das gazetas de Verhoeven, cf.: BRABANT (1998: 1-22). Amsterdã efetivamente suplantou a Antuérpia como principal eixo de informação do Norte da Europa; cf.: MCCUSKER (2005: 295-321).

<sup>16</sup> Para uma análise recente do que ele chama de “a ecologia subjacente do Mundo Atlântico”, cf.: BEHRENDT (2009:, 44-85, esp. 48).

ca que, usualmente, as manchetes relativas ao espaço atlântico não podiam ser esperadas antes de março ou, mesmo, abril. Então, a promessa feita por Van Hilten a seus leitores no número inaugural de 1630, de dar seguimento aos seus informes na semana seguinte, sinalizava muito mais uma estratégia comercial do que uma crença genuína de que notícias iriam chegar. No *Courante* número 2, acrescentou pouco ou nada e optou por encobrir essa falta de notícias fabricando, ele próprio, a sua:

Da Antuérpia, 6 de janeiro: há muitos anos que não acontecia de, num período de 12 meses, nenhum navio [espanhol] chegar das Índias Ocidentais com mercadorias ou riquezas, seja para o rei ou para investidores privados. Pelo contrário, a regra era que chegassem mais de mil navios ricamente carregados. Todavia, tem-se lá a esperança de que isso ocorrerá por volta de março.<sup>17</sup>

Tal texto servia dois propósitos: primeiramente, mantinha-se o Atlântico no holofote e se estimulava a “expectativa coletiva”, visto que Van Hilten julgava que os leitores queriam saber das últimas, mesmo que não existisse nada a contar. Ao produzir tais lembretes, ele assegurava a sua clientela que estava atento aos desenvolvimentos no Atlântico, dando a entender que se notícias sobre a região efetivamente chegassem, eles não precisariam buscá-las em outro jornal. Outros números de janeiro e fevereiro revelam a mesma estratégia, enfatizando os esforços rotineiros da Companhia das Índias Ocidentais em prover navios de apoio às duas frotas atlânticas e a chegada de comerciantes de açúcar em Lisboa que, de forma exageradamente otimista, informavam que Pernambuco estava pronto para resistir a um ataque neerlandês.<sup>18</sup> Em segundo lugar, o boletim era suficientemente vago para não afetar a credibilidade do *Courante*. Credibilidade era uma preocupação maior para Van

---

<sup>17</sup> *Courante*, no. 2 (12 de janeiro).

<sup>18</sup> *Courante*, no. 3 (19 de janeiro) e no. 5 (2 de janeiro).

Hilten, particularmente em uma época na qual as chances da chegada de boas notícias dentro de pouco tempo resultavam em rumores esperançosos relacionados com o Atlântico. Para o editor, o desafio consistia em reproduzir eles no jornal sem arriscar sua reputação de repórter cuidadoso. Van Hilten optou por descrever meticulosamente os percursos de tais estórias, adicionando datas e fontes para permitir que seus leitores julgassem, eles mesmos, a credibilidade das estórias. Em março, quando nenhuma notícia havia chegado de Pernambuco e a tensão começava a aumentar, a cobertura do Atlântico no *Courante* tornou-se extremamente conscienciosa:

Da Antuérpia, 3 de março: Desde o meu último [número], duas entregas de correio de Madri chegaram em Bruxelas; a mais recente foi enviada de lá no dia 11 do último [mês] e não trouxe mais novidades das Índias Ocidentais do que aquela do começo de fevereiro, sobre a chegada a Lisboa de cerca de 40 navios vindos do Brasil, incluindo alguns que haviam deixado Pernambuco em 1.º de janeiro e até aquele tempo nada se ouvira ao longo da costa [a respeito] de navios neerlandeses; então, relativamente às notícias mencionadas antes, nada se sabe com certeza.<sup>19</sup>

Van Hilten sacrificou quaisquer ambições estilísticas que dentro dele talvez persistissem para traçar a origem da informação até o dia de Ano Novo em Pernambuco. As notícias provenientes do Brasil podiam chegar a Lisboa um mês antes de chegarem a Amsterdã e, uma vez que nenhum navio havia adentrado nos portos neerlandeses, Van Hilten tinha pouca opção exceto descobrir se notícias provenientes da Espanha haviam alcançado os Países Baixos do Sul (BOXER, 1957: 23-24). Cerca de metade de seus boletins sobre o Atlântico teve origem em notícias colhidas na Antuérpia. Por outro lado, quando os navios ancoravam em Amsterdã, as comunicações

<sup>19</sup> Courante, no. 10 (9 de março).

seguiam a direção oposta. Apesar de seu especial foco em notícias “espanholas”, um terço dos boletins publicados por Abraham Verhoeven tinha, ainda assim, origem nas Províncias Unidas. Portanto, as notícias do Atlântico nos Países Baixos, sendo esporádicas e infrequentes, eram também, usualmente, filtradas por um inimigo cujos relatórios não seriam necessariamente confiáveis. Confirmar tais informações tornava-se, deste modo, uma prioridade imediata, já que a credibilidade da história aumentava quando sua origem era atribuída a fontes múltiplas, potencialmente mais confiáveis. Para o número seguinte do *Courante*, em março, Van Hilten obteve na Zelândia a confirmação de que nenhuma notícia do Atlântico havia até então chegado, com efeito, a Lisboa. Convenientemente, tal informação lhe deu matéria para mais um boletim.<sup>20</sup>

Nesta fase, a notícia mais importante sobre o Atlântico foi a persistente falta delas. Mas enquanto Van Hilten produzia relatórios em ritmo semanal, o *Wekelijcke Tijdinghe* (Notícias Semanais) de Verhoeven emitiu apenas um único boletim entre janeiro e abril. Ele alegou que suas “notícias” eram provenientes de Osuna, mas o que imprimiu poderia ter tido origem em qualquer lugar da Espanha e ter sido escrito a qualquer momento durante o primeiro quartel do ano:

Sem dúvida se espera a frota do tesouro<sup>21</sup> por volta de abril, uma vez que de Havana já chegaram cartas e navios de aviso. Como informado de Cádiz, estão chegando notícias de que tudo está em absoluta paz e quietude nas Índias e que 25 barcos neerlandeses, que circulavam na área em busca de presas, partiram sem obter qualquer tipo de resultado; se julga que certamente alguns deles tenham afundado devido a tempestades e tempo ruim.<sup>22</sup>

---

<sup>20</sup> *Courante*, no. 11 (16 de março).

<sup>21</sup> Nota dos tradutores: referência às frotas anuais da prata, que deixavam em comboios fortemente armados as colônias espanholas em direção à metrópole.

<sup>22</sup> *Wekelijcke Tijdinghe*, no. 14 (20 de fevereiro).

Ao invés de escrever que (ainda) não tinham chegado notícias e de apelar para a imaginação do que o futuro poderia trazer, Verhoeven explicava que a razão de seu silêncio se devia ao fato de que nada tinha ocorrido. A única história na qual ele estava interessado, a chegada da prata americana, parecia ter pouca probabilidade de se concretizar em breve. No entanto, os leitores de *Wekelijcke Tijdinghe* (Notícias Semanais) eram convidados a meditar sobre “cartas e navios” incertos e “litorais na área” não identificados de forma clara, sendo que Verhoeven não recorreu a qualquer elemento convencional para aumentar sua credibilidade. Contudo, em termos de informação real obtida, seus resultados não foram muito diferentes. Confrontados com o mesmo oceano de incertezas, ambos periódicos procuravam atrair leitores mantendo um olho nos eventos que poderiam desembocar em vitórias. Potenciais reveses, cuja ocorrência era iminente, não foram antecipados na imprensa periódica: Verhoeven não se referiu ao Brasil, tal como Van Hilten não fez qualquer menção à aproximação da frota do tesouro.

## NOTÍCIAS FIDEDIGNAS: A PARCIALIDADE E A QUESTÃO DA CREDIBILIDADE

Na mesma semana em que Verhoeven assegurou a seus leitores que tudo estava em paz e quietude no Caribe, a Companhia das Índias Ocidentais registrou suas duas principais vitórias do ano. Adriaen Pater atacou e capturou a estratégica ilha de Santa Marta, próximo de Cartagena, enquanto que Hendrick Lonck e Diederick van Waerdenburgh subjugaram Olinda, a capital de Pernambuco (GOSLINGA, 1971: 214; BOXER, 1957: 37-41). Poucos eventos geravam tanta cobertura jornalística quanto uma vitória no Atlântico. Em 1624, também depois de um longo período de expectativa, Jan van Hilten havia dado o passo inusual de lançar um *Courante Extraordinarij* (Gazeta Extraordinária) para divulgar rapidamente as novas chegadas da Bahia. Desta vez, as boas notícias chegaram a Amsterdã em tempo para a edição regular do sábado 27 de abril, na qual toda a segunda página era

dedicada ao Brasil.<sup>23</sup> O tratamento noticioso de Van Hilten foi essencialmente factual, relatando cada etapa da invasão de forma idêntica à versão oficial, que seria divulgada pela Companhia das Índias Ocidentais vários dias depois. O triunfo motivou celebrações em toda a nação e os Estados Gerais decretaram um dia de orações em agradecimento, ordenando que os soldados estacionados nas fronteiras disparassem seus canhões para comunicar a vitória e desmoralizar as tropas inimigas. Detalhes dos eventos no Brasil devem ter chegado a Antuérpia muito rapidamente, mas ali Abraham Verhoeven não fez qualquer menção à derrota no seu *Wekelijcke Tijdinghe* de 26 de abril, nem no de 2 de maio ou em nenhuma das semanas que se seguiram. Enquanto Van Hilten reunia avidamente mais informação para apresentar um quadro detalhado da campanha, Verhoeven relatou de Dordrecht, em maio, que “nada de especial estava acontecendo ali”. Foi apenas um mês mais tarde que Verhoeven reconheceu a derrota em letra de imprensa e não como um evento digno de nota, mas como parte de um relato sobre os esforços espanhóis para rapidamente “recapturar Pernambuco”.<sup>24</sup>

\*\*\*

Numa sociedade mais autoritária como a promovida pelos arquiducos nos Países Baixos do Sul, a credibilidade dependia, ao menos em parte, da exteriorização de um comprometimento com o interesse geral. O conflito religioso, abrangente, havia crescido de intensidade em fins de 1620 na Alemanha e no Norte da Itália, o que significa dizer que a oposição entre protestantes e católicos tinha se tornado mais violenta, aumentando ao ponto de afetar a forma como os eventos eram repor-

---

<sup>23</sup> Courante, no. 17 (27 de abril). Um fac-símile da edição especial da terça-feira lançada em agosto de 1624 encontra-se em Dutch corantos, no. 35. Cf. também: GROESEN (2010: 29-31). O furo das boas novas vindas do Brasil não foi conseguido por Van Hilten ou Jansz, mas pelo livreiro de Amsterdã e periodista ocasional François Lieshout, cujo Seeckere tijdinghe Vlote... tem a data de 25 de abril de 1630. Uma cópia desta folha de notícias está depositada na biblioteca da Universidade de Ghent.

<sup>24</sup> *Wekelijcke Tijdinghe*, no. 44 (24 de maio) e no. 45 (1 de junho).

tados. Ambos partidos estavam engajados no que Steven Shapin descreve como “a retirada pública de confiança no acesso do outro ao mundo e em seu compromisso moral de falar a verdade sobre ele” (SHAPIN, 1994: 6).<sup>25</sup> Enquanto Van Hilten tentou construir um novo parâmetro de credibilidade baseado no fornecimento de detalhes, como fontes, datas e locais de envio das correspondências, Verhoeven aplicou uma retórica partidária mais tradicional, ainda considerada muito atraente como parte da cultura de pertença na Europa pós-Reforma (PETTEGREE, 2005: 211-217). Tanto no Norte, como no Sul, as vitórias eram noticiadas mais frequentemente e mais extensivamente do que as derrotas, mas só Verhoeven omitia sistematicamente as notícias ruins, um claro exemplo da utilidade da propaganda que ele tinha anunciado às autoridades no começo de sua carreira.

Uma comparação entre as gazetas de Amsterdã e da Antuérpia no que concerne um evento específico ocorrido no Atlântico mostra como diferentes níveis de parcialidade podem também ser aferidos das palavras usadas pelos editores na elaboração de seus informes. Na primeira metade de junho, todos os três jornais – incluindo o *Tijdingen*, de Jansz – fizeram menção ao retorno de Adriaen Pater para as Províncias Unidas depois de uma expedição ao Caribe de quase dois anos que não foi nem um sucesso retumbante, nem um completo fracasso (GOSLINGA, 1971: 207-216). Pater não foi capaz de capturar a frota do tesouro como os diretores da WIC esperavam, mas sua presença na área conseguiu adiar a partida da mesma. Ele desestabilizou os espanhóis forçando-os a se render em Santa Marta, mas não juntou forças com Lonck para organizar um ataque combinado, algo que os diretores tinham dado ordens específicas para ser feito. Van Hilten, antecipando o retorno do almirante, narrou no dia 8 de junho como Pater conquistou Santa Marta, mas teve que abandonar a ilha por falta de suprimentos. Na semana seguinte, restringiu sua cobertura a uma seca sentença: “O almirante Pater chegou aqui nesta semana com a maioria

<sup>25</sup> Para uma discussão mais ampla a respeito do problema da credibilidade na Inglaterra do início da idade moderna, cf.: Randall (2010: 95-120).

de seus navios”.<sup>26</sup> No mesmo sábado, Broer Jansz apresentou a campanha de Pater como um sucesso. Jansz tinha servido como cronista do Príncipe de Orange e era notavelmente mais patriota que Van Hilten. As notícias que ele imprimia eram rotineiramente consideradas suspeitas no Sul dos Países Baixos, onde panfletistas satíricos o aconselharam certa vez a “mentir um pouco mais sobre o Brasil, já que é longe daqui o suficiente” (BORST, 2009: 86). Jansz descreveu o retorno de Pater de forma mais pormenorizada:

Várias vezes nesta semana soldados... marcharam inteiramente uniformizados e com garbo até a Casa da Companhia das Índias Ocidentais, onde cada soldado recebeu um tálere imperial como presente de boas-vindas, além de seu soldo, e cada oficial dois. Os diretores da Companhia, ouvindo que o almirante viria de Edam para Amsterdã, enviaram alguns dos seus para Nieuwendam a fim de receberem o almirante com pompas, acompanharem ele até Amsterdã e o conduzirem até a Casa da Companhia das Índias Ocidentais, onde à noite todos eles desfrutaram de um alegre jantar.<sup>27</sup>

Ao menos, insistia Broer Jansz, havia razões para contentamento depois de tantos meses de expectativa. Duas semanas depois, Abraham Verhoeven discordava veementemente, narrando o retorno de Pater em um tom que era tudo menos objetivo. Além de ridicularizar o almirante por sua falta de sucesso, tratou logo de lembrar aos leitores que tudo estava sendo feito para impedir também que os neerlandeses fossem exitosos em Pernambuco:

Notícias de Amsterdã: o almirante Pater chegou aqui com as meias em sua cabeça [i.e. com uma pulga atrás da orelha], garantindo que a Companhia das Índias Ocidentais não poderá jactar-se de sua campanha, uma

---

<sup>26</sup> Courante, no. 24 (15 de junho).

<sup>27</sup> *Wekelijcke Tijdinghe*, no. 24 (15 de junho).

vez que ela custou muito e rendeu pouco ou nada. Se o mesmo acontecer com Pernambuco, a Companhia irá à ruína, porque aqui nos chegam informações de que na Andaluzia, Biscaia, Portugal e em outros lugares da Espanha grandes preparações estão sendo feitas para o envio de uma expedição marítima e que Don Fadrique partirá imediatamente para Pernambuco uma vez que sua frota tenha chegado na Espanha.<sup>28</sup>

Este boletim é indicativo da cobertura dispensada por Verhoeven aos eventos ocorridos no Atlântico de duas maneiras. Ao longo do ano, ele ridicularizou os neerlandeses sempre que eles não conseguiam o sucesso que esperavam, usando uma retórica mordaz estranha às gazetas de Amsterdã. Depois, passou rapidamente a dar atualizações otimistas da aproximação da frota do tesouro. Sob o comando de Don Fadrique de Toledo e Antonio de Oquendo, as frotas combinadas da Nova Espanha e da Terra Firme, que transportaram uma quantidade de ouro e prata [do Novo Mundo] equivalente às cargas de dois anos, tiveram extremo cuidado, passando meses primeiramente em Cartagena e depois em Havana. Os comandantes consideraram o risco de atravessar o oceano tão grande que deixaram para trás oito grandes navios com parte do tesouro. Mas a viagem de retorno acabou sendo tranquila e no começo de agosto a frota alcançou Cádiz, onde uma multidão entusiasmada esperava, ajoelhando-se e rezando em sinal de agradecimento. A chegada segura da frota até deu origem a uma *relación de sucesos*, uma forma de notícia impressa na Espanha que era usualmente reservada a vitórias militares e visitas régias, o que enfatiza, portanto, a significância política do evento.<sup>29</sup>

<sup>28</sup> Wekelijcke Tijdinghe, no. 24 (15 de junho).

<sup>29</sup> O panfleto noticioso tem como título Relation verdadera y certa de la desseada y felice venida de la Flota de Nueva España, y galeones de Tierra Firme, y de la Armada Real del Mar Oceano (Granada, 1630). Agradeço a Francesca Trivellato por me fornecer uma cópia. Sobre notícias impressas na Era Dourada da Espanha, cf. ETTINGHAUSEN (1984: 1-20). Sobre a chegada da frota, cf. PHILLIPS (1986: 186-187) e VILCHES (2010: 300-301).

Na cultura de expectativa que caracterizou e moldou as notícias atlânticas, a frota do tesouro foi para Verhoeven o que o Brasil tinha sido para seus pares em Amsterdã. Cada uma das estórias sobre o Atlântico no *Wekelijcke Tijdinghe* era devotada parcialmente, ou mais frequentemente em exclusivo, a Don Fadrique. No decurso do verão, quando a chegada da frota se tornou uma questão de “quando” e não já de “se”, Verhorven começou a especular sobre os proventos que dela resultariam. No dia 17 de agosto, anunciou de forma confiante e com mais precisão do que o habitual:

Notícias de Sevilha em julho: no dia 28 de junho chegou um navio de aviso de Don Fadrique de Toledo trazendo cartas do supracitado Don Fadrique [informando] que ele esperava que a frota chegasse a Espanha no final de julho ou no começo de agosto, com a ajuda de Deus, e que a mesma era composta de mais de 100 navios e carregava mais de 20 milhões [de reais].<sup>30</sup>

Finalmente, no penúltimo dia do mês, Verhoeven pôde dar a conhecer a notícia oficial do retorno da frota. Um ano tinha se passado desde que Don Fadrique partiu para as Índias e a expectativa quanto ao retorno era grande desde o momento de sua partida, um sentimento que foi ampliado pela memória coletiva do desastre de Matanzas. Verhoeven celebrou a catártica ocasião com um número de quatro páginas completamente dedicado às boas novas de Cádiz. Mas seu longo texto não conseguia ocultar que a notícia central, sobre a verdadeira quantidade de ouro e prata que tinha chegado, era decepcionante:

De Bruxelas, 24 de agosto: Senhor, aqui chegaram notícias vindas da Espanha de que a frota do ouro e da prata chegou lá ricamente carregada no começo de agosto, sem a perda de um navio, e se espera a chegada de outra frota em outubro ou novembro... A quan-

---

<sup>30</sup> *Wekelijcke Tijdinghe*, no. 78 (17 de agosto).

tidade total é de nove milhões, novecentos e quatro mil, cento e noventa e quatro reais... Se esperam mais notícias da frota deste ano no próximo correio.<sup>31</sup>

Verhoeven iniciava seu boletim com uma breve saudação para simular a credibilidade de uma missiva corrente, mas os leitores que tinham acompanhado a evolução da frota semana a semana devem ter notado que o valor por ela transportado era menos da metade da soma que o editor tinha previsto em números anteriores. O que foi apresentado como um clímax resultou num manifesto anticlímax. A espera pela frota seguinte – e, com ela, um novo período de expectativa por notícias do Atlântico – começava imediatamente.<sup>32</sup>

## LENDO JORNAIS: O ATLÂNTICO EM CASA

Os editores procuravam manter seus leitores ávidos por mais informação de maneira a garantir a consistência na aquisição de suas edições semanais. Havia diversas maneiras de obter informação a respeito de assuntos estrangeiros – boatos e rumores, sermões e canções, panfletos e impressos –, mas as gazetas eram o único veículo regular de notícias sobre o Atlântico e, também, o mais amplamente disponível. Nas Províncias Unidas, editores de várias cidades forneciam informações locais para os jornais de Amsterdã em troca de anúncios de seus livros nos periódicos. Semanalmente, Van Hilten enviava 12 cópias do Courante para um colega em Leeuwarden, por exemplo, e 26 cópias, em média, para outro livreiro de Nijmegen. Outros canais de distribuição eram mais informais: o mestre-escola David Beck, na Haia, recebia a gazeta de Van Hilten de seu tio em Amsterdã e se sentava com seus amigos “até que eles tivessem

<sup>31</sup> Wekelijcke Tijdinghe, no. 83 (30 de agosto).

<sup>32</sup> A segunda frota, sob comando de Don Tomás de Larráspuru, chegou na Espanha em dezembro, tarde demais para ser incluída nos jornais de 1630. Cf. PHILLIPS (1986: 187).

lido o Courante de princípio ao fim” (BECK, 1993: 143).<sup>33</sup> As gazetas também eram lidas no exterior: tanto Van Hilten, como Jansz, publicaram edições em francês e seus informes eram regularmente traduzidos para gazetas inglesas e alemãs. O fluxo semanal de notícias era considerado de tal forma valioso que podia ser vendido com lucro, como por exemplo pelo agente político Michel le Blon, que enviava encomendas de Amsterdã para o chanceler sueco Axel Oxenstierna todo sábado, incluindo as cópias daquele dia dos dois jornais (COUVEE, 1962: 27-32; DAHL, 1946:<sup>34</sup>; LANKHORST, 2001; BROWNLEES, 2011: 25-53; KEBLUSEK, 2003: 205-13). Nada se sabe da propagação das notícias de Abraham Verhoeven no Sul dos Países Baixos, mas para sua distribuição internacional ele contava com o confiável sistema postal Tassis,<sup>34</sup> que conectava o Sul dos Países Baixos a praticamente todos os grandes eixos de notícias do continente. Os periodistas ingleses, apesar de suas simpatias protestantes, também copiavam seus relatos com regularidade (ARBLASTER, 2010: 202-3; DAMME, DEPLOIGE, 1998: 18-19).

Nos Países Baixos, com uma alta taxa de alfabetização, assim como na Inglaterra, os periódicos se destinavam a leitores de todas as camadas sociais, mas também ali a leitura no início da idade moderna permanece sendo um tema pouco conhecido (FREARSON, 1993: 1-23). Há apenas alguns anos atrás, David Randall declarou que “nós nunca teremos mais do que uma vaga ideia de quem lia notícias militares” (RANDAL, 2010: 14). Felizmente, há um leitor nas Províncias Unidas que comentou com regularidade o que os jornais noticiavam e como ele avaliava sua credibilidade. Esse leitor é Pieter Corneliszoon Hooft (1581-1647), provavelmente o mais importante poeta, dramaturgo e historiador neerlandês

---

<sup>33</sup> Cf. também: BLAAK (2009: 94).

<sup>34</sup> Nota dos tradutores: criada pela família Tassis, de Bergamo, em fins do século XV, constituiu uma das mais amplas redes postais a operar na Europa. Ampliou suas atividades quando passou a prestar serviços ao Sacro Império, tendo antes conectado os territórios dos Habsburgo aos burgúndios. Sua rede – dividida em rotas primárias e secundárias – unia as principais cidades imperiais da Europa ocidental e central. KNOX, Paul (ed.). 2014. **Atlas of Cities**. Princeton: Princeton University Press, 43.

de sua geração e, também, um conhecedor de assuntos políticos. Seu pai, Cornelis, foi oito vezes burgomestre de Amsterdã e o próprio Pieter foi, em 1609, indicado como xerife (*drost*) de Muiden, uma posição com um grau de exigência relativo que permitiu a ele escrever suas peças e, posteriormente, a História Neerlandesa (*Neederlandsche Histoorien*), uma monumental descrição, em 27 volumes, da revolta neerlandesa contra o império espanhol. Uma vez que o castelo de Muiden, onde Hooft residia, ficava mais de 10 milhas a Leste de Amsterdã, ele dependia de cartas e jornais para seguir os assuntos estrangeiros. O mercador de Amsterdã Joost Baek, cunhado de Pieter, enviava jornais para ele semanalmente e é em suas cartas para Baek que Hooft comenta a respeito das notícias semanais (TRICHT, 1980: 155-65).<sup>35</sup>

Que tipo de jornal lia Pieter Hooft? Para alguém da estirpe de Hooft, a essência da credibilidade era a confiança, que dependia da autoridade social. Informes anônimos em jornais publicados por editores voltados para o comércio eram vistos como claramente inferiores a cartas tradicionais escritas por pessoas cujo *status* garantia sua credibilidade. Hooft era, pois, um leitor altamente crítico que repetidas vezes se queixava de que os jornais noticiavam mentiras – um tropo comum – e sempre estavam um passo atrás das notícias. Uma comparação de seu consumo de notícias com o de Hugo Grotius, cujo interesse prioritário, em 1630, eram as negociações secretas sobre a trégua entre espanhóis e neerlandeses que ocuparam pouco espaço na imprensa (MEULENBROEK, 1964), mostra que Hooft dava muita atenção aos incidentes políticos e militares que constituíam o grosso das notícias surgidas nas gazetas. Analisando o panorama da mídia contemporânea, Hooft classificou o jornal de Jan van Hilten como mais confiável do que aquele de Broer Jansz, mas admitiu que “alguém sempre pode encontrar algo em um jornal que não está disponível em outro”.<sup>36</sup> Sua atitude crítica

<sup>35</sup> A correspondência de Hooft foi editada e publicada de maneira exemplar por Hendrik W. Van Tricht, et al. (1976-79).

<sup>36</sup> Hooft para Baek, 25 de agosto de 1631 (TRICHT, Briefwisseling, no. 474). Cf. também DAHL (1946, 17-18).

em relação aos periódicos de Amsterdã não o impediu de ler ambos. Ele também lia os jornais estrangeiros. Não surpreende, portanto, que ele ocasionalmente confessasse a Baek que os jornais o tinham mantido ocupado até tarde da noite.<sup>37</sup>

Hoof t concentrava-se principalmente nos eventos que vinham se desenrolando na Europa, especialmente a guerra de sucessão de Mântua. Ele não mencionou em suas cartas a vitória neerlandesa no Brasil e apenas uma vez, em 1630, comentou diretamente sobre as atividades da Companhia das Índias Ocidentais, um dia antes de Jan van Hilten publicar um rumor inglês – falso, como se verificou posteriormente – sobre o ataque do almirante Pater à ilha de Trindade.<sup>38</sup> “Eu escutei que a Companhia das Índias Ocidentais capturou outra ilha”, Hoof t escreveu em tom indiferente. Ele não estava preocupado com o ataque, mas antes com o fato de os jornais terem se limitado a copiar de forma acrítica um relato infundado e, ademais, terem se atrasado (novamente) a fazê-lo. Hoof t usou o rumor da invasão de Pater como uma metáfora mordaz para denunciar o jornalismo preguiçoso:

Não vejo nenhum uso para as gazetas neerlandesas. As [da cidade] de Amsterdã são feitas por trapaceiros, publicando notícias facilmente [vendáveis e] de interesse apenas dos investidores das companhias [de comércio] que residem lá. Por mim, dispenso tais pasquins, se é que alguma vez os tomei [por fidedignos]. Com tais fontes, eu não ousaria empreender qualquer debate que exigisse um esforço sério.<sup>39</sup>

Hoof t, é claro, não parou de ler jornais como tão ameaçadoramente sugeriu. Várias cartas intrigantes de setembro e outubro de 1630 mostram exatamente porque ele continuava a lê-

<sup>37</sup> Hoof t para Baek, 18 de agosto de 1630 (TRICHT, Briefwisseling, no. 378).

<sup>38</sup> Courante, no. 19 (11 de maio de 1630). Na realidade, Pater só passou por Trindade quando a caminho de Santa Marta; Cf. GOSLINGA (1971: 214).

<sup>39</sup> Hoof t para Baek, 10 de maio de 1630 (TRICHT, Briefwisseling, no. 356).

-los. Elas tratavam com uma perturbadora incerteza da quantia exata de metais preciosos que Don Fadrique tinha trazido para a Espanha. Como Verhoeven, Jansz e Van Hilten tinham seguido o progresso da frota ao longo do ano, então Hooft estava bem informado a respeito de seu paradeiro (MORINEAU, 1985: 60-71).<sup>40</sup> Em maio, Van Hilten relatou que o almirante tinha ancorado em Havana e em breve partiria para a Europa, “embora muitos em Portugal e Espanha estejam tão abatidos pela perda de Pernambuco que não podem acreditar nisso e tomem essa informação como sendo mentira”. Em junho, ele deu voz a rumores vindos da Antuérpia – não mencionados por Verhoeven – de que a frota ainda estava em Cartagena, que a notícia de que ela já havia chegado a Havana tinha sido tornada pública somente “em ordem a encorajar a população” na Espanha e que Don Fadrique não chegaria até setembro ou outubro. Van Hilten, ao contrário de seu colega da Antuérpia, não especulou sobre os prováveis lucros da frota até fins de agosto, quando rumores de sua iminente chegada intensificaram-se. Então, ele começou por copiar a soma de 20 milhões de reais estimada por Verhoeven, mas corrigiu a estória na semana seguinte com um anúncio formal da quantia exata.<sup>41</sup>

Os relatos inconsistentes sobre a quantidade de metais preciosos intrigou Pieter Hooft. Em 10 de setembro, três dias depois do anúncio de Van Hilten sobre a quantia correta ter aparecido, ele expressou suas dúvidas em relação à cifra mencionada pelo jornal. Para seu cunhado, ele escreveu:

Junto com esta carta, devolvo para você as gazetas, que eu temo terem se acostumado tanto a mentir que em suas estimativas sobre as riquezas vindas das Índias contaram para nós menos que a verdade. Por-

<sup>40</sup> Uma comparação entre Courante no. 14 e Tijdingen no. 14 (ambos de 6 de abril) indica que Jansz às vezes tinha mais notícias sobre o Atlântico que Van Hilten. Aqui, também, a retórica de Jansz no que diz respeito à frota do tesouro era claramente mais partidária que aquela de seu colega.

<sup>41</sup> Courante, no. 21 (25 de maio), no. 26 (29 de junho), no. 35 (31 de agosto) e no. 36 (7 de setembro).

que 9 milhões e 900 mil reais é muito menos que 18 milhões, que foi a quantia indicada para você da Antuérpia. De fato, outros contaram-me, com expressões sérias, que seriam 20. Quando você tiver informações mais precisas, eu gostaria de saber.<sup>42</sup>

Está claro o que aconteceu aqui. Baek e Hooft, sempre ansiosos por notícias, tinham lido sobre os 20 milhões de reais nos relatos que foram impressos por Verhoeven quase semanalmente por mais de um mês. Se a fonte deles foi ou não o *Wekelijcke Tijdinghe* é incerto, mas o surgimento repentino de uma grande disparidade nos valores perturbou Hooft. Além disso, o rendimento final acabou sendo muito inferior ao de frotas do tesouro anteriores.<sup>43</sup> Hooft, como era hábito, culpou os jornais de Amsterdã pela confusão, mas cinco dias depois já sabia que, por uma vez, suas informações eram precisas:

Quem sabe o que esperar para futuro, agora que os jornais aprenderam a falar a verdade sobre a carga da frota da Índia? Porque certamente os rumores vindos do lado espanhol têm sido divulgados para fazer suas riquezas parecerem maiores e não poderiam estar mais errados.<sup>44</sup>

A surpresa de Hooft, ao reconhecer com relutância que os jornais tinham mencionado a verdadeira quantia, rapidamente deu lugar ao deleite quando soube que a Coroa espanhola não tinha recebido a injeção financeira de grandes proporções que ele tinha inicialmente temido. Duas semanas depois, ele reconheceu que ocasionalmente os jornais deveriam ser tidos como confiáveis:

---

<sup>42</sup> Hooft para Baek, 10 de setembro de 1630 (TRICHT, Briefwisseling, no. 388).

<sup>43</sup> Morineau (1985: 61) menciona as seguintes quantias, de acordo com jornais de Amsterdã: novembro de 1626, 17.217, 686 reais; novembro de 1627, 13.300,806 reais; setembro de 1628, 0 reais e abril de 1629, 12.488,000 reais.

<sup>44</sup> Hooft para Baek, 15 de setembro de 1630 (TRICHT, Briefwisseling, no. 390). O número de oito milhões constitui a diferença entre o tesouro real e a quantia relatada nas gazetas.

[Os jornais] sustentaram [um armistício na Guerra de Mântua] para alimentar a imaginação dos austríacos e dar ânimo àqueles do seu lado, tal como fizeram quando fabricaram as riquezas da frota das Índias.<sup>45</sup>

Nesse momento, Hooft inequivocadamente culpava a propaganda dos Habsburgo – e não os jornais de Amsterdã – pela manipulação dos números. Em outubro, em outra diatribe contra os periódicos não confiáveis, ele abriu uma exceção para as notícias que tinham acabado de chegar da Antuérpia – e que tinham chegado a ele pelo *Courante* de Van Hilten cinco dias antes –, dizendo que a Coroa espanhola estava temporariamente retendo em sua posse as quotas do tesouro que cabiam aos investidores privados: “Há certeza na Antuérpia de que o mercador na Espanha terá de perder algumas de suas penas prateadas”.<sup>46</sup> Em pouco mais de um mês de leituras sobre a frota do tesouro, Hooft deixou de acusar as gazetas de Amsterdã de mentir para aceitar o que elas tinham relatado como confiável. Episódios como este recompensavam os esforços de Van Hilten para checar suas fontes, identificando a origem dos boletins que publicava sobre o Atlântico, e provavelmente são importantes para explicar porque até mesmo leitores bem informados continuavam a ler os jornais semanais.

## O QUE ESTAVA POR VIR: DIGERINDO AS NOTÍCIAS SOBRE O ATLÂNTICO

Com a chegada do outono na Europa, os grandes eventos atlânticos desse ano já tinham se dado. Tanto Van Hilten, como Verhoeven, voltaram a publicar relatos corriqueiros como os que tinham marcado os primeiros três meses do ano, mas com uma notável diferença: a captura de Pernambuco pelos neer-

<sup>45</sup> Hooft para Baek, 29 de setembro de 1630 (TRICHT, Briefwisseling, no. 398).

<sup>46</sup> Hooft para Baek, 17 de outubro de 1630 (TRICHT, Briefwisseling, no. 413); *Courante*, no. 41 (12 de outubro).

landeses modificou o balanço de poder ao ponto de Verhoeven ter de reconhecer o Brasil como uma outra linha de frente. A falta de parcialidade se manteve – em ambos os lados da fronteira – e os prognósticos costumeiros apontavam, mais uma vez, em direções opostas. De acordo com *Wekelijcke Tijdinghe*, os neerlandeses enfrentavam fome e sede em Pernambuco, enquanto no *Courante* essa situação era uma realidade enfrentada pelos portugueses no interior da capitania. Neste caso, ambos estavam corretos (BOXER, 1957: 41).<sup>47</sup> E enquanto alguns conteúdos dos jornais eram diametralmente opostos, o contrário também ocorria. Uma vez que tanto os periódicos de Amsterdã, quanto os da Antuérpia, forneciam agora aos leitores uma dose semanal de informação, tornou-se usual que uns copiassem os relatos dos outros. Copiar era um dos mecanismos diários de produção dos jornais na Europa do início da idade moderna e a irregularidade no recebimento de notícias sobre o Atlântico fazia que isso, às vezes, fosse inevitável. Van Hilten, no entanto, era suficientemente prudente para não confiar na gazeta de Verhoeven. Dos seus 30 boletins sobre o Atlântico feitos na Antuérpia, apenas a cifra errada no assunto da receita da frota do tesouro pode ser identificada como tendo tido origem no *Wekelijcke Tijdinghe*. Verhoeven era muito menos contido: ele copiava literalmente as notícias de Van Hilten ou as modificava para fazer que os reveses neerlandeses parecessem mais graves do que eram na realidade. Dois últimos exemplos serão suficientes. No sábado, 16 de novembro, Van Hilten relatou: “O vaso [neerlandês] *Orangienboom*, com 24 canhões, destinado a Pernambuco com vitualhas, naufragou dias atrás em Dunquerque”.<sup>48</sup> A notícia de Dunquerque já tinha chegado a Antuérpia, onde Verhoeven a imprimiu e a interpretou como um avanço para a causa dos Habsburgo no Brasil. O *Courante*, no entanto, foi o primeiro a mencionar o nome do navio e suas dimensões, dando a Verhoeven a oportunidade de preen-

<sup>47</sup> *Courante*, no. 51 (21 de dezembro); *Wekelijcke Tijdinghe*, no. 114 (29 de novembro).

<sup>48</sup> *Courante*, no. 46 (16 de novembro).

cher os detalhes. No dia 29 de novembro, duas semanas após ele mesmo dar o furo, Verhoeven transcreveu o relato de Van Hilten, adicionando a data correta e o lugar de origem da correspondência, “afundando” o *Orangienboom* pela segunda vez. Os leitores do *Wekelijcke Tijdinghe* ficariam com a impressão de que a Companhia das Índias Ocidentais tinha perdido dois navios com provisões em rápida sucessão.<sup>49</sup> Além de manipulações como esta, Verhoeven também manteve-se altamente seletivo em sua cobertura dos eventos atlânticos. Mais tarde, em novembro, Van Hilten deu conta de um novo *desaire* de gravidade relativa para os neerlandeses, o do almirante Pieter Ita que, retornando do Brasil, “confirmou a perda de uma pequena frota próximo a Honduras, e também trouxe novas de que, até 15 de setembro, a frota do tesouro não tinha chegado ainda em Havana”.<sup>50</sup> Verhoeven copiou a assertiva duas semanas depois: “[Ita] cruzou a costa das Índias Ocidentais em direção a Havana até 15 de setembro, quando uma tempestade e a falta de ganhos em perspectiva fizeram ele partir. Estes navios trouxeram a confirmação da perda da frota anterior que estava indo para Honduras”.<sup>51</sup> Verhoeven indicava que tinha copiado a informação de periódicos neerlandeses. Ele usou as mesmas palavras de Van Hilten, insinuando que Ita tinha de fato navegado ao longo da costa cubana na data referida no boletim neerlandês, mas, depois, omitia deliberadamente a sentença final, que aludia a novos atrasos na segunda frota de tesouro do ano. O editor da Antuérpia claramente não estava interessado em toda estória do *front* Ocidental. Ao contrário, ele manipulava o fluxo de notícias para construir um Atlântico imaginário que era sistematicamente tendencioso a favor da monarquia espanhola.

<sup>49</sup> *Wekelijcke Tijdinghe*, no. 109 (15 de novembro) e no. 115 (29 de novembro).

<sup>50</sup> *Courante*, no. 48 (30 de novembro).

<sup>51</sup> *Wekelijcke Tijdinghe*, no. 120 (13 de dezembro).

## CONCLUSÃO

Nos Países Baixos, os jornais semanais publicavam notícias sobre o mundo atlântico com regularidade. Jan van Hilten e Abraham Verhoeven tinham uma década de experiência em noticiar assuntos estrangeiros através de periódicos impressos e reconheciam a importância do mundo atlântico como cenário de notícias. Seus jornais apresentavam variações significativas na cobertura dos eventos, o que significa que a públicos distintos – ocasionalmente em momentos díspares – eram contadas versões diversas dos mesmos eventos. Na Antuérpia, o *Wekelijcke Tijdinghe* exibia uma forma de jornalismo comprometido inerente à tradicional cultura de pertencimento, na qual boas novas eram avidamente antecipadas e notícias ruins eram descaradamente suprimidas. Os jornais de Amsterdã, embora longe de serem imparciais, não se mostravam tão rigorosamente preconceituosos. A estratégia editorial do *Courante*, que informava sobre o *front* Ocidental mesmo quando havia pouco ou nada para dizer, era alimentada por razões de ordem comercial. Aqui também, as boas notícias recebiam mais atenção do que as ruins, mas de maneira a continuar vendendo jornais para leitores bem informados, Van Hilten trabalhou duro para estabelecer um novo padrão de credibilidade. Seus métodos de atuação, meticulosos, incluíam fornecer os leitores com detalhes de quando e onde rumores e relatos circulavam e não omitir notícias de derrotas.

Para compensar os intervalos na chegadas de notícias frescas do Atlântico, muitos boletins nos Países Baixos originaram-se do outro lado da fronteira. Copiar boletins de outra mídia, uma das pedras angulares da produção de jornais no início da modernidade, era uma solução óbvia para uma falta crônica de notícias impactantes. Comparar os métodos de dois agentes noticiosos dos mais importantes da Europa é particularmente instrutivo. Relatos do outro lado da fronteira ofereciam uma oportunidade conveniente para Abraham Verhoeven manipular a situação dos assuntos atlânticos. Jan van Hilten, em contraste com o que os historiadores usualmente argumentam a respeito do jornalismo

no princípio da idade moderna, resistiu com sucesso à tentação de tomar emprestados os relatos de seu parceiro na Antuérpia, embora tivesse se apoiado nos Países Baixos do Sul para elaborar cerca de metade dos boletins atlânticos que produziu. Quando possível, ele coletava suas notícias de múltiplas fontes e tentava encontrar confirmação em Amsterdã para as informações que tinha recebido da Espanha através de Bruxelas ou da Antuérpia. Os esforços de Van Hilten para garantir a precisão das notícias compensaram. Até um leitor crítico como Pieter Corneliszoon Hooft teve de admitir vez por outra que os jornais de Amsterdã faziam um trabalho respeitável.

Apesar das estratégias contrastantes de editores ao Norte e ao Sul da fronteira, havia similaridades também. Tanto em Amsterdã, como na Antuérpia, a divulgação de notícias sobre o Atlântico era caracterizada por extraordinariamente longos períodos de expectativa. Esperanças para o futuro determinavam as preocupações semanais do presente e desenvolvimentos que podiam potencialmente levar a vitórias eram cobertos mais sistematicamente do que decepções que eram suscetíveis de se materializar – uma idiossincrática forma da parcialidade que caracterizou, no geral, a imprensa do início da modernidade, embora em diferentes graus. Nas semanas que antecediam a esperada confirmação de boas novas do Atlântico, os agentes noticiosos freneticamente reuniam cada pedaço de informação disponível e preparavam de semana para semana em letra de imprensa a ocorrência de um evento longamente esperado. Quando notícias impactantes finalmente chegavam – a da invasão bem sucedida de uma colônia do inimigo ou da chegada da tão necessária prata americana –, os meses de ansiedade davam lugar a um clímax noticioso. Poucos eventos geraram o extensivo tratamento reservado às boas notícias oriundas do *front* ocidental, na forma de números especiais ou de números ordinários inteiramente dedicados a uma única estória. Terminada a celebração de uma vitória atlântica ou, alternativamente, a digestão de uma derrota e da decepção que a acompanhava, um novo período de antecipação, prolongado e comercialmente atrativo, poderia começar.

## REFERÊNCIAS

### FONTES IMPRESSAS

Broer Jansz, **Tijdingen uyt verscheyden Quartieren**, no. 1 (Amsterdã, 5 de janeiro de 1630)

**Courante**, no. 2 (12 de janeiro), no. 3 (19 de janeiro), no. 5 (2 de janeiro), no. 10 (9 de março), no. 11 (16 de março), no. 17 (27 de abril), no. 19 (11 de maio de 1630), no. 21 (25 de maio), no. 24 (15 de junho), no. 26 (29 de junho), no. 35 (31 de agosto), no. 36 (7 de setembro), no. 41 (12 de outubro), no. 46 (16 de novembro), no. 48 (30 de novembro), no. 51 (21 de dezembro)

Hooft para Baek, 10 de maio de 1630 (Van Tricht, **Briefwisseling**, no. 356). In: TRICHT, Hendrik W. Van; et al. (eds.). 1976. **De briefwisseling van Pieter Corneliszoon Hooft**, 3 vols. Culemborg: Tjeenk Willink.

Hooft para Baek, 10 de setembro de 1630 (no. 388). In: TRICHT, Op. Cit.

Hooft para Baek, 15 de setembro de 1630 (no. 390). In: TRICHT, Op. Cit.

Hooft para Baek, 17 de outubro de 1630 (no. 413). In: TRICHT, Op. Cit.

Hooft para Baek, 18 de agosto de 1630 (no. 378). In: TRICHT, Op. Cit.

Hooft para Baek, 25 de agosto de 1631 (no. 474). In: TRICHT, Op. Cit.

Hooft para Baek, 29 de setembro de 1630 (no. 398). In: TRICHT, Op. Cit.

Jan van Hilten, **Courante uyt Italien ende Duytschlandt &c.**, no. 1 (Amsterdã, 5 de janeiro de 1630)

**Nieuws Tijdingen** gedruckt te Amsterdam voor Jan van Hilten in de Beursstraat en bij Jan Frederik Stam in de Drukkerij van Vezelaer aan of bij de Zuijderkerk in de Hoope Van Jan 1630-28 Dec 1630. Koninklijk Bibliotheek, Den Haag, 341 A1.

**Relation verdadera y certa de la desseada y felize venida de la Flota de Nueva España, y galeones de Tierra Firme, y de la Armada Real del Mar Oceano**. Granada, 1630.

**Wekelijcke Tijdinghe.** Bibliothèque Royale de Belgique, Brussels, III 33.519 A, no. 14 (20 de fevereiro), no. 24 (15 de junho), no. 44 (24 de maio), no. 45 (1 de junho), no. 78 (17 de agosto), no. 83 (30 de agosto), no. 109 (15 de novembro), no. 114 (29 de novembro), no. 115 (29 de novembro), no. 120 (13 de dezembro)

## BIBLIOGRAFIA

ARBLASTER, Paul. 2001. Policy and Publishing in the Habsburg Netherlands, 1585-1690. In: DOOLEY, B; BARON, S. A. (eds.). **The Politics of Information.** London: Routledge.

ARBLASTER, Paul. 2010. Antwerp and Brussel as Inter-European Spaces in News Exchange. In: DOOLEY, Brendan (ed.). **The Dissemination of News and the Emergence of Contemporaneity in Early Modern Europe.** Farnham: Ashgate.

BECK, David. 1993. **Spiegel van mijn leven:** Een Haags dagboek uit 1624. Hilversum: Verloren.

BEHRENDT, Stephen D. 2009. Ecology, Seasonality, and the Transatlantic Slave Trade. In: BAILYN, Bernard; DENAULT, Patricia L. (eds.). **Soundings in Atlantic History:** Latent Structures and Intellectual Currents, 1500-1830. Cambridge, MA: Harvard University Press.

BLAAK, Jeroen. 2009. **Literacy in Everyday Life:** Reading and Writing in Early Modern Dutch Diaries. Leiden: Brill.

BORST, Henk. 2009. Broer Jansz in Antwerpse ogen: De Amsterdamse courantier na de slag bij Kallo in 1638 neergezet als propagandista. **De zeventiende eeuw**, 25, no. 1.

BOXER, Charles. 1957. **The Dutch in Brazil, 1624-1654.** Oxford: Clarendon.

BRABANT, Stéphane. 2009. **L'Imprimeur Abraham Verhoeven (1575-1652) et les débuts de la presse "belge".** Paris: Asia Europe Economic Forum.

BRAUDEL, Fernand. 1972. **The Mediterranean and the Mediterranean World in the Age of Philip II.** New York: Harper Collins, pt. 2.

BROWNLEES, Nicholas. 1999. **Corantos and Newsbooks: Language and Discourse in the first English Newspapers (1620-1641)**. Pisa: ETS.

BROWNLEES, Nicholas. 2011. **The Language of Periodical News in Seventeenth-Century England**. Newcastle: Cambridge Scholars.

COUVÉE, D. H. 1962. The First Coranteers – The Flow of the News in the 1620s. **Gazette International Journal for Mass Communication Studies**, 8.

DAHL, Folke (ed.). 1946. **Dutch Corantos 1618-1650, a Bibliography Illustrated With 334 Facsimile Reproductions of Corantos Printed 1618-1625**. The Hague: Martinus Nijhoff.

DAMME, K. van; DEPLOIGE, J. 1998. Slecht nieuws, geen nieuws. Abraham Verhoeven (1575-1652) en de Nieuwe Tijdinghen: Periodieke pers en propaganda in de Zuidelijke Nederlanden tijdens de vroege zeventiende eeuw. **Bijdragen en Mededelingen betreffende de Geschiedenis der Nederlanden**, 113, no. 1.

DOOLEY, Brendan (ed.). 2010. **The Dissemination of News and the Emergence of Contemporaneity in Early Modern Europe**. Farnham: Ashgate.

DUTRA, Francis. 1973. Matias de Albuquerque and the Defense of Northeastern Brazil, 1620-1626. **Studia**, 36.

EDMUNDSON, George. 1899. The Dutch Power in Brazil. **English Historical Review**, 14.

ETTINGHAUSEN, Henry. 1984. The News in Spain: Relaciones de sucesos in the Reigns of Philip III and IV. **European History Quarterly**, 14.

FOX, Adam. 1997. Rumour, News, and Popular Political Opinion in Elizabethan and Early Stuart Culture. **Historical Journal**, 40, no. 3.

FREARSON, Michael. 1993. The Distribution and Readership of London Corantos in the 1620s. In: MYERS, Robin; HARRIS, Michael (eds.). **Serials and Their Readers, 1620-1914**. Winchester: St. Paul's Bibliographies.

GOSLINGA, Cornelis. 1971. **The Dutch in the Caribbean and on the Wild Coast 1580-1680**. Assen: Van Gorcum.

---

---

GREENSPAN, Nicole. 2010. News and the Politics of Information in the Mid-Seventeenth Century: the Western Design and the Conquest of Jamaica. **History Workshop Journal**, 69.

GROESEN, Michiel van. 2010. A Week to Remember: Dutch Publishers and the Competition for News from Brazil, 26 August-2 September 1624. **Quaerendo**, 40, no. 1.

GROESEN, Michiel van. 2011. Lessons Learned: The Second Dutch Conquest of Brazil and the Memory of the First. **Colonial Latin American Review**, 20, no. 2.

ISRAEL, Jonathan. 1982. **The Dutch Republic and the Hispanic World, 1606-1661**. Oxford: Oxford University Press.

KEBLUSEK, Marika. 2003. The Business of News: Michel le Blon and the Transmission of Political Information to Sweden in the 1630s. **Scandinavian Journal of History**, 28.

LANKHORST, Otto. 2001. Newspapers in the Netherlands in the Seventeenth Century. In: DOOLEY, Brendan; BARON, Sabrina (eds.). **The Politics of Information in Early Modern Europe**. London: Routledge.

MCCUSKER, John J. 2005. The Demise of Distance: The Business Press and the Origins of the Information Revolution in the Early Modern Atlantic World. **American Historical Review**, 110, no. 2.

MEULENBROEK, Bernard L. (ed.). 1964. **Briefwisseling van Hugo Grotius**, vol. 4, 1629-1630-1631. The Hague: Martinus Nijhoff.

MORINEAU, Michel. 1985. **Incroyables gazettes et fabuleux métaux**: Les retours des trésors américains d'après les gazettes hollandaises (XVIIe-XVIIIe siècles). Cambridge: Cambridge University Press/ Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme.

PETTEGREE, Andrew. 2005. **Reformation and the Culture of Persuasion**. Cambridge: Cambridge University Press.

PHILLIPS, Carla Rahn. 1986. **Six Galleons for the King of Spain**: Imperial Defense in the Early Seventeenth Century. Baltimore: Johns Hopkins University Press.

PIEPER, Renate. 2000. **Die Vermittlung einer Neuen Welt**: Amerika im Nachrichtennetz des Habsburgischen Imperiums, 1493-1598. Mainz: Philipp von Zabern.

RANDALL, David. 2010. **Credibility in Elizabethan and Early Stuart Military News**. London: Pickering & Chatto.

RAYMOND, Joad (ed.). 2006. **News Networks in Seventeenth Century Britain and Europe**. London: Routledge.

RAYMOND, Joad. 2005. **The Invention of the Newspaper**: English News-books 1641-1649. Oxford: Clarendon.

SHAPIN, Steven. 1994. **A Social History of Truth**: Civility and Science in Seventeenth-Century England. Chicago: University of Chicago Press.

SLAUTER, Will. 2009. Forward-Looking Statements: News and Speculation in the Age of the American Revolution. **Journal of Modern History**, 81, no. 4.

SOMMERVILLE, C. John. 1996. **The News Revolution in England**: Cultural Dynamics of Daily Information. Oxford: Oxford University Press.

TRICHT, Hendrik W. van. 1980. **Het leven van P. C. Hooft**. The Hague: Martinus Nijhoff.

TRICHT, Hendrik W. van; et al. (eds.). 1976-1979. **De briefwisseling van Pieter Corneliszoon Hooft**. 3 vols. Culemborg: Tjeenk Willink.

VILCHES, Elvira. 2010. **New World Gold**: Cultural Anxiety and Monetary Disorder in Early Modern Spain. Chicago: University of Chicago Press.